



# Os Doze Pares de França

nas Aldeias

promotores



patrocinadores



estrutura financiada por



coprodução



#### **Auto Profano**

##### **VN Cerveira**

25 FEV 21:00 Campos

Centro de Cultura

26 FEV 21:00 Covas

Junta de Freguesia

27 FEV 21:00 Gondarém

Antiga Escola Primária

##### **Monção**

3 MAR 21:00 Riba de Mouro

Junta de Freguesia

4 MAR 21:00 Longos Vales

Associação de Jovens

5 MAR 21:30 Moreira

Salão Paroquial

##### **P Coura**

10 MAR 21:00 Formariz

Sede da Associação

11 MAR 21:00 Bico

Junta de Freguesia

12 MAR 21:00 Romarigães

Junta de Freguesia

##### **Melgaço**

16 MAR 21:00 Roussas

Sede da Associação

Os Cucos

17 MAR 21:00

Castro Laboreiro

Centro Cívico

18 MAR 21:00 Penso

Centro de Convívio

##### **Valença**

31 MAR 21:00 Ganfei

Junta de Freguesia

1 ABR 21:00 Arão

Junta de Freguesia

2 ABR 21:00 Gandra

Junta de Freguesia

#### Encenação

João Pedro Vaz

Com

Ana Água

Ana Valente

Filipe Caldeira

Gonçalo Fonseca

João Grosso

José Neves

Luís Filipe Silva

Manuel Coelho

Marco Mendonça

Paula Mora

Rui Mendonça

Silvia Barbosa

Tânia Almeida

e os músicos

Samuel Coelho

Vasco Ferreira

Cenografia e figurinos

Sara Viera Marques

Luz

Vasco Ferreira

Danças

Filipe Caldeira

Luís Filipe Silva

Música original e

interpretação ao vivo

Samuel Coelho

Vasco Ferreira

Assistência de encenação

e máscaras

Gonçalo Fonseca

Vídeo e apoio dramaturgico

Pedro Filipe Marques

Produção

Comédias do Minho

Coprodução

TNDM II

M/12

Este texto faz parte do chamado ciclo carolíngio de Carlos Magno, cuja versão mais conhecida é a do *Auto da Floripes*.

Há depois versões espalhadas pelo mundo como o *Tchiloli* em S. Tomé. Propositadamente, não fui reativar nenhuma pesquisa em relação a estes autos, porque queria perceber como fazíamos o texto sem pensar muito nas suas heranças de representação, interessou-me regressar ao início e trabalhar com outro tipo de profundidade.

Na verdade isto não é tanto sobre mouros e cristãos, mas sobre as alteridades e o espelho que uma comunidade usa para se marcar a partir da representação do auto. O auto é usado como atualização da comunidade naquele momento, e a figura da alteridade acaba por se diluir porque o que as pessoas estão ali a fazer é a confirmar que são o mesmo.

O que é curioso é que quase não há alteridade que mais tarde ou mais cedo não provoque uma invasão. Só há alteridade a partir do momento em que descobres o outro e, muitas vezes, invades um espaço alheio. Senão havia duas histórias paralelas a decorrer, sem nunca se encontrarem. A alteridade não existe sem linhas de tensão, que podem ser interessantes ou não, mas muitas vezes são violentas.

Aqui, os *minhotos* não trazem mais nada senão eles próprios, vêm com uma espécie de uma imagem de uma paisagem, de um território. E gostava que isso tivesse uma certa beleza, uma certa fragilidade. É como se eles se preparassem para vir invadir uma máquina de cena, mas depois, entre eles, a verdade é que estão cansados de estar na estrada, não têm armas... o grupo é mais frágil do que uma coisa de cavalaria parecia sugerir e do que aparentemente está no texto. Uma máquina de paisagem vs. uma máquina do teatro.

Nas aldeias do Minho estão mesmo no lugar, quase na paisagem. Quando Pasolini fez *O Evangelho segundo São Mateus* chegou a fazer repérage na Palestina, e no fim decidi filmar na terra dele porque não há melhor sítio para contar a história do que o nosso lugar, diz ele. Ou como dia a nossa frase de 2016, *O espírito do lugar no centro do universo*.

#### **João Pedro Vaz**

Excertos de uma entrevista a João Pedro Vaz para o programa de *Os Doze Pares de França*, no TNDMII.